



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**DJI ARATCHE CÓ**

**ECOSOFIA: PENSAR A CRISE CLIMÁTICA A PARTIR  
DAS FILOSOFIAS AFRICANAS DOS POVOS PAPEIS**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2024**

**DJI ARATCHE CÓ**

**ECOSOFIA: PENSAR A CRISE CLIMÁTICA A PARTIR  
DAS FILOSOFIAS AFRICANAS DOS POVOS PAPEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade de Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Cléber Daniel Lambert Da Silva.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2024**

**DJI ARATCHE CÓ**

**ECOSOFIA: PENSAR A CRISE CLIMÁTICA A PARTIR  
DAS FILOSOFIAS AFRICANAS DOS POVOS PAPEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade de Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 22/11/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva (Orientador)**

Universidade de Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof. Dr. Luís Tomas Domingos**

Universidade de Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade**

Universidade de Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>9</b>
<b>4</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>16</b>
<b>5</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>18</b>
5.1	GERAL	18
5.2	ESPECÍFICOS	18
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA</b>	<b>18</b>
<b>7</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>19</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>21</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os povos papéis<sup>1</sup> estão situados, maioritariamente, na região de Biombo, zona norte da Guiné-Bissau, e no Setor Autónomo de Bissau. A região de Biombo inclui três setores: Prábis, Quinhamel e Safim, embora alguns indivíduos estejam espalhados por todo o país. Esse é um povo conhecido pela sua tradição, cultura e valores. Os povos papéis são organizados em uma sociedade hierarquizada. Segundo história, a ocupação e povoação da região começou possivelmente nas cercanias do século XIII, por iniciativa de um homem chamado Mecau (ou *M'nkau*), príncipe do reino de Quinara. Em busca de locais de caça, o príncipe Mecau descobriu a ilha de Bissau, um território que lhe agradou muito por parecer área fértil e propícia à caça. Mecau voltou ao seu reino, despediu-se de seu pai e partiu com suas seis esposas para a ilha. Posteriormente, Mecau convidou outros indivíduos de Quinara para a ilha, formando tanto o grupo étnico Pepel quanto o Reino de Bissau. Esses relatos históricos são também baseados em fontes orais, que narram a história da Guiné-Bissau dessa forma.

Nesse sentido, de acordo com Galileu Gomes Indi, na sua monografia intitulada “Otchê-Geofilosofia: A Criação De Conceito Em G. Deleuze E A Cosmologia Pepel”, apresentada como trabalho de conclusão de curso (TCC), no Bacharelado em humanidades (BHU) na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), assegura que:

A etnia pepel é constituída de um mosaico “multi”, ela é formada por sete clãs ou djorson<sup>2</sup>. A djorson é um conjunto de pessoas unidas numa certa interdependência em decorrência de grau de parentesco compartilhado, geralmente os mortos, os ancestrais, uma história, ou uma linhagem “sanguínea” comum. No caso da etnia pepel, é um conjunto de pessoas descendentes da mesma linhagem materna, visto que a etnia pepel é matrilinear (Indi, 2019, p. 58).

Um dos traços distintivos dos povos pepéis em Guiné-Bissau hoje, apesar do desenvolvimento do país, é seu modo de vida tradicional, que está intrinsecamente ligado à

---

<sup>1</sup> **Papel (ou Pepel):** Os dois termos são usados para designar o grupo étnico Pepel. Ambos os termos são aceites. Os plurais são papéis e pepéis. A história oral contada sobre a origem do nome Papel ou Pepel é destacada em dois momentos: 1. Pelo papel de intérprete que este grupo étnico exerceu no interior do país durante a época em que os portugueses dominavam a região; 2. Pela reclamação que este grupo fazia sobre o pagamento obrigatório de impostos, a taxa que os portugueses cobravam dos nativos. Este grupo resistia ao pagamento de impostos e, quando recebia a notificação, levava o papel à administração, reclamando que eram os donos da terra e não deveriam pagar nada. É assim que recebemos oralmente a história por trás deste nome. A forma como os Pepel se identificam em sua língua é "Inssau/Bossau". Quando os portugueses chegaram às ilhas de Bissau e perguntaram: “Quem são vocês?”, eles responderam “Ndo Bodjina Bossau”, e assim os portugueses escreveram o nome do país como Guiné-Bissau. Portanto, o nome Guiné-Bissau vem do grupo étnico Pepel.

<sup>2</sup> Segundo Indi (2019, p. 53), “Jorson ou clã, alguns falam geração, é uma de cada sete parcelas que compõe a nação pepel”.

terra, à natureza e aos elementos. Considerando essas características dos povos Papéis, gostaríamos de tratar, nesse trabalho, a temática da crise climática.

A crise climática é uma temática que vem sendo discutida ao longo dos últimos anos a nível global, no qual as autoridades internacionais responsáveis tentam encontrar a forma de combatê-la, uma vez que tem afetado de maneira negativa a humanidade. Atualmente, o planeta terra depara com variadíssimas questões que ameaçam a vida humana. Portanto, tendendo a estas questões, nossa pesquisa busca refletir sobre a crise climática a partir das Humanidades e de cosmologias extra-modernas, ou seja, de espaços que não pertencem o Ocidente. Para isso, esse trabalho parte da ideia de ecosofia do autor, filósofo, psicanalista, ativista revolucionário francês Felix Guattari, em sua obra intitulada “*As três ecologias*”, que envolve três dimensões: ambiental, mental ou subjetiva e social. Portanto, para realizar esta pesquisa, utilizamos diferentes áreas de conhecimento, tanto científicas quanto empíricas, além de experiências vividas, para pensar a crise climática de forma geral, a fim de debater uma temática muito relevante que afeta a todos, sem exceção.

Ao longo dos anos, temos assistido alguns desastres ambientais que o planeta vem sofrendo. Esses desastres são causados pela ação humana em todo mundo, à medida que enxergam a natureza como algo que serve apenas para uso do homem, transformando-a para criar a condição para a sua sobrevivência. Partindo dessa perspectiva e dialogando com Krenak em seu livro “*Futuro Ancestral*” no subtítulo “Saudações aos rios”, onde afirma que “A maioria das pessoas pensam que só se vive em terra firme e não imagina que tem uma parte da humanidade que encontra nas águas a completude da sua existência, de sua cultura, de sua economia e experiência de pertencer” (Krenak, 2024, p. 10), observa-se uma falta de consciência da maioria das pessoas em relação à natureza. Muitos não acreditam que algumas coisas que existem na natureza são tão importantes quanto nós, seres humanos. Eu refiro-me, exatamente, aos outros seres humanos que fazem parte da natureza.

Com base nessa ideia, dialogamos com as filosofias africanas dos povos papéis e preceitos cosmológicos encontrados nelas. Isso porque os povos africanos e indígenas, muitas das vezes, têm uma visão diferente da dos povos ocidentais sobre a natureza. Sendo assim, estes conhecimentos, que são dos povos nativos, ou seja, aquilo que alguns tratam como “conhecimentos tradicionais”, muitas das vezes não são devidamente aproveitadas quando se trata no desafio a crise climática porque são vistos como conhecimento sem fundamentos.

Diante disso, iremos trazer os valores africanos, especificamente dos povos papéis, no que concerne ao meio ambiente, não apenas por estarem geograficamente localizados no continente, mas também por possuírem os princípios, as culturas e valores típicos desses povos

africanos. Considerando que a África é um continente vasto, com uma diversidade cultural enorme, optamos por fazer recorte ou focar nos povos pepéis. No entanto, isso não nos impede de trazer tanto outras filosofias da África quanto das outras partes do mundo, relacionando-as com “As três ecologias” do francês Felix Guattari, uma das referências para este trabalho.

## 2 PROBLEMATIZAÇÃO

Para alcançar o resultado da nossa pesquisa, é necessário fazer alguns questionamentos sobre certos valores, tradição e princípios africanos dos povos pepéis, conforme demanda ciência, de forma aproximar-se da verdade. Para isso, faremos uma contextualização sobre esses povos e, em seguida, problematizaremos as questões. A obra de Guattari nos ajudará a refletir as práticas cosmológicas dos pepéis, assim como algumas obras filosóficas africanas. O texto será abordado a partir de uma perspectiva transversal, ou seja, não focará em uma única área de conhecimento, mas, em diferentes áreas de saberes, o que permitirá alcançar os objetivos deste projeto.

Primeiramente, a preocupação que Guattari (1990, p, 8) levantava, era: “o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico”. Observamos duas coisas que não se coabitam de forma harmoniosa. De um lado, há a aceleração das produções técnico-científicas, que vem promovendo uma exploração de forma incontrolável, especialmente devido aos desafios colocados pelo sistema capitalista. De outro lado, há o rápido crescimento da população, o que evidentemente, aumenta o consumo e, conseqüentemente, a produção. No entanto, esta produção causa prejuízo à humanidade. Sendo assim, qual seria estratégia ideal que a humanidade precisa adotar imediatamente para ter um planeta e a natureza equilibrados?

Os africanos são conhecidos como povos tradicionalmente ligados às suas ancestralidades, e, na etnia Pepel não é diferente. Como africanos, observa-se esta conexão com os ancestrais, principalmente no uso da terra para a agricultura e, de forma mais ampla, na sua relação com o meio ambiente. Drengson (1999 *apud* Le Grange, 2015, p. 8) argumenta que “se nós queremos nos distanciar de um modelo de desenvolvimento industrial (o qual produziu problemas ambientais e riscos) da sociedade, podemos achar inspiração estudando ecosofias de povos aborígenes e nativos”. É possível verificar que, entre diferentes povos nativos, cada um possui, pelo menos, uma visão ou forma diferente de lidar com o meio ambiente. Portanto, na

visão do autor, seria mais eficaz colaborar com esses povos, isto quer dizer, estudando suas estratégias, conhecimentos e suas próprias experiências relacionadas à natureza, ou seja, suas ecosofias sobre o meio ambiente.

O povo Pepel é justamente um exemplo disso, pois, antes de fazer qualquer ação, como por exemplo, cultivar a terra ou desmatar uma área, eles fazem primeiramente alguns procedimentos rituais para, só depois, tomar a ação desejada. Como isso pode contribuir de forma positiva para evitar as crises climáticas que afetam a natureza e a humanidade?

De acordo com Domingos, em um artigo intitulado “A visão africana em relação à natureza”, ele afirma que, para o ocidente a maior preocupação ou desejo na vida é de converter a natureza em mercadorias em trocas de capitais e gerar lucros econômicos infinitivos. Eles lutam a tudo custo em obter o poder econômico que os permite manter seus “status social”, ou seja, o que está por de trás disso é ostentação na sociedade, mesmos sem os mecanismos, por exemplo, os instrumentos técnicos adequados, eles procuram sempre a arte de triunfar sem nenhum motivos. Para reforçar essa ideia o Domingos, cita o Jean Brun, que afirma: “Todas as tentativas especulativas da ciência europeia através das técnicas são produtos para ultrapassar a experiência da separação, para curar o homem do deslocamento, para abri-lo a um céu novo e uma terra nova, ao longo da sua trajetória na natureza.” (2011 *apud* Bran, 2011, p. 2).

Enquanto na lógica tradicional africano, a maior preocupação ou desejo da vida é de encontrar uma forma equilibrada com outros seres ou seja de maneira geral, entre o homem e a natureza no universo, isso permite uma relação do homem porque precisa da natureza para sua sobrevivência, portanto, trata-se de uma dimensão racionável tanto na sua individualidade e quanto coletividade abrangente. Sendo assim, estamos perante duas realidades diferentes com visões distintas correlação a natureza, por isso, é fundamental que essa temática seja abordada em diferentes perspectivas dos conhecimentos de diferentes povos.

Sendo assim, ao longo da nossa pesquisa procuremos entender a importância desta conexão entre a concepção tradicional africana e a natureza, e como ela seria viável na atualidade, em um continente marcado pela busca do desenvolvimento, pela construção massiva de infraestruturas, pelo aumento populacional — um dos maiores do planeta —, entre outros desafios. Nesse sentido, dialogamos com Guattari (1990, p. 25), que afirma que “mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referência sociais e individuais”. Isso demonstra que o debate sobre a crise climática não deve ser um debate fechado, mas sim aberto, ou seja, de ser tratado de forma transversal.

Guattari (1990) afirma que para haver a resposta verdadeira a crise ecológica, é necessária uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Apenas com as novas políticas e os objetivos bem elaborados, que sejam acatados por toda a sociedade, ou seja, com implementação de uma estratégia em benefício do meio ambiente, poderia haver uma resposta eficaz à crise ecológica. No entanto, observando as dinâmicas em que a humanidade se encontra atualmente, em que os interesses individuais, com o passar do tempo, estão cada vez mais sobrepondo-se aos coletivos. Surge a questão: qual seria mecanismo eficaz para promover uma autêntica revolução política, social e cultural, reorientando os objetivos da produção para um meio ambiente saudável?

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Guattari, em sua abordagem, evoca sobretudo as transformações que estão sendo vistas na sociedade de maneira geral, as quais, por sua vez, estão mudando o padrão de vida humana. Essa mudança traz consigo várias consequências, especialmente as relacionadas ao meio ambiente, que é o nosso foco neste trabalho. Isso trata-se de um problema que atinge a esfera global, independentemente de onde tinha sido causado. Nesse sentido, o trabalho partirá de uma discussão abrangente, que permitirá um diálogo com diferentes áreas de conhecimentos e diferentes visões do mundo, especialmente, para os povos africanos, conforme ressaltado por Domingos, ao mostrar que a cultura africana pode contribuir para a relação do homem com a natureza.

Segundo a sua perspectiva:

A cultura Africana pode nos ajudar a conceber e viver as relações do homem com a natureza para que não sejam puramente relações técnicas, mas estéticas; não relações do homem conquistador da natureza; mas sim relações de respeito recíproco, de participação e de complementaridade. E esta forma de relação íntima tem como a finalidade realizar e manter um equilíbrio harmonioso entre homem e o universo (Domingos, 2011, p. 2).

Os povos africanos veem a natureza como elemento fundamental para sua vida, e não como algo que pode ser utilizado de qualquer maneira. Por esta razão, está relação sempre é preservada de geração em geração. Por exemplo, os povos papéis são povos que não abdicam facilmente da sua cultura. Eles mantem uma relação profunda com a natureza através da conexão com os seus ancestrais, ou seja, seus entes queridos. Muitas vezes, essas conexões se

manifestam através das árvores. De acordo com os relatos dos mais velhos, é através das árvores que almas dos seus ancestrais reencarnam.

Portanto, para entendermos melhor esta conexão dos povos pepel, convém dialogar com o Indi, quando faz questão de ressaltar a conexão mentida dos pepeis com a espiritualidade, ou seja, o mundo dos vivos e o dos mortos. Nessa abordagem ele afirma que:

O Mito Fundador<sup>3</sup> que explica a visão do mundo das pessoas pepel, que para eles o chão *ôdrsê* ou *otchê* é a matéria primordial com a qual Deus criou tudo quanto existe, mas gerou o homem (a pessoa). É este Mito fundador que conta o pepel sobre a sua dupla identidade, a física que vimos com os nossos olhos e a espiritual vinda da divindade de Deus através da djorson dos Antepassados. Mas também é este Mito Fundador que ameaça o/a pepel para sacralização e da santificação da terra (*ossack*) (*ibid.*, p. 61).

De acordo com Domingos, ao abordar a existência do homem na cosmovisão africana, é possível perceber como o homem africano valoriza a natureza, por mais racional que seja. Ele se sente como um elemento da natureza e tem a consciência de que a sua grandiosidade não se limita apenas ao aspecto externo, mas abrange uma dimensão que atinge a espiritualidade. Ele afirma da seguinte maneira que:

A finalidade da existência do homem na Cosmovisão africana está estabelecida no Universo e é influenciada pela ordem dos seres na natureza. Esta finalidade é independente dos desejos do homem, mesmo das suas aspirações mais sublimes. Alguns homens dão sentido à sua existência, orientados pela condição da sua riqueza simbólica, de sua família e pelas suas qualidades hereditárias, pelo poder religioso, acompanhados pelas doutrinas mitológicas e filosóficas, etc. (*Idem*).

Sendo assim, esta relação, no fundo, acaba favorecendo a natureza, pois, quando o homem olha para a natureza e se vê como parte dela e não como aquele que detém o poder sobre ela ou senhor em relação aos outros seres, fará com que reduza a exploração acelerada e do desmatamento da floresta, que são umas das causas dos problemas ambientais, como a escassez de chuva, altas temperaturas, entre outros. Logo no início de sua abordagem, Guattari fez uma previsão sobre o que poderia acontecer com a humanidade. O autor nos situa no contexto do que estava emergindo na época em que escreveu o texto faz uma previsão para o futuro. Incrivelmente, hoje estamos infelizmente, vivendo essa situação. Nossa geração já

---

<sup>3</sup> Segundo Indi (2019, p. 61), “O Mito Fundador é o mito através do qual os pepeis explicam a fundação da terra, e da djorson da qual “nasceram” as pessoas, o mesmo é usado também para referir cada um dos primeiros antepassados das sete djorsons. 8 Utchi significa “Deus” na língua pepel”. E ele também explica que o “Ôdrsê é uma terra não ocupada, não sacralizada, mas o mesmo termo se usa também para referir o chão, a terra que pisamos debaixo dos nossos pés e se distingue de Uree. O que diferencia otchê e ôdrsê é mais a variação linguística”. O termo *ossack* localizado no final desta citação “significa território, uma terra ocupada e sacralizada por um passado histórico ou mítico (Indi, 2019, p. 55).

presenciou inúmeros desastres naturais e continua a presenciá-las com uma frequência cada vez maior e mais assustadora. Guattari na sua análise, afirma que:

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração (*Ibid*, p. 7).

Essas transformações técnico-científicas devem ser remediadas, porque estão causando os desequilíbrios ecológicos, levando os modos de vida humanos, tanto individuais quanto coletivos, a evoluírem progressivamente do bom para pior. Portanto, as explorações que estão sendo observadas em torno do planeta contribuem para destruição do modo de vida humano e ameaçam a segurança de vida. Essas transformações técnico-científicas vêm auxiliando o homem em termo de produções e diminuindo o esforço humano. Porém, em contrapartida, trazem grandes desequilíbrios, como os gases de efeitos estufa causados pelas grandes produções industriais, o desemprego e o desespero. A humanidade parece incapaz de abdicar das produções técnico-científicas, mesmo ciente de suas consequências. Isso ocorre porque toda a humanidade depende muito daquilo que a modernidade nos oferece, o que nos tornou escravos destas mesmas produções tecnológicas.

Além disso, Rivaroli e Albernaz, ao expor sobre essas questões tecnológicas e seus impactos em termos de desequilíbrios na sociedade, afirmam que:

Entre tantas questões, tem também a fome no mundo. Afinal, com todos os aparatos tecnológicos, é possível estabelecer uma alta produtividade de alimentos compatíveis com o índice populacional. Em contrapartida, ainda existem, em grande escala, pessoas que passam fome e que morrem pela falta de alimentos, promovendo uma grande desigualdade social (Rivaroli; Albernaz, 2017, p. 177).

Com base nisso, Guattari chamou a atenção para o fato de que a velocidade da produção verificado no planeta Terra é superior aos recursos existentes na natureza, contrariando assim a ideia do atual modelo econômico capitalista, que tem como princípio a acumulação contínua de capital e geração de lucros. Não obstante, os recursos naturais são insuficientes, porém, é através desses recursos que o capitalismo gera suas produções industriais para obter capital. Portanto, estamos perante uma grande contradição difícil de resolver, devido a tudo o que o capitalismo nos impõe atualmente.

Portanto, a ideia de ecosofia, ou seja, as três ecologias na perspectiva de Guattari, tem como princípio trazer equilíbrio entre a humanidade e meio ambiente, bem como nas relações

entre indivíduos e a subjetividade humana. De acordo com Cavalcante, (2017, p. 76) “A Ecosofia tem como princípio a formação de cidadãos capazes de compreender o ambiente em que vivem e buscar respostas para os problemas de um modo geral, como éticos, científicos, culturais e, sobretudo ambientais”. É possível verificar que isso tem faltado à humanidade: a noção do impacto que os problemas ambientais causam. Somente quando as consequências ocorrem, as pessoas começam a se preocupar com isso, porém, antes do desastre, ninguém acredita que suas ações em relação à natureza possam causar problemas graves no futuro.

Guattari (1990, p. 9) afirma que “para haver a resposta verdadeira a crise ecológica, é necessária uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais”. Somente com novas políticas e objetivos bem elaborados, que deverão ser acatados por todos, ou seja, com a implementação de uma estratégia em benefício do meio ambiente, poderemos encontrar uma solução para a crise ecológica.

Para implementar um plano nacional e/ou global de mudanças sistemáticas para uma vida coletiva que promova um maior equilíbrio em relação ao meio ambiente, seria necessária uma educação ambiental desde a base — doméstica, local, nacional, regional, continental e, claro, global. Uma política pública que fosse levada para as salas de aula, desde os níveis mais básicos até os avançados em todo o mundo, ensinando as crianças, desde sua entrada no sistema escolar, sobre a noção e a importância do meio ambiente, isto é, como suas ações podem afetar a natureza quando não realizadas da melhor forma e como essas ações serão importantes para a natureza e para a vida humana se forem realizadas adequadamente.

Nesse contexto, Guattari (1990, p. 24) afirma que “Chernobyl e a Aids nos revelaram brutalmente os poderes técnico-científicos da humanidade e os retrocessos que a natureza pode nos impor”. Ele argumenta que não podemos ser guiados cegamente pelos tecnocratas das instituições. Hoje, a dependência da humanidade em relação às soluções técnico-científicas está desviando a atenção da necessidade de proteger o nosso ambiente, e o resultado disso é a devastação da natureza. Consequentemente, estamos perdendo alguns valores fundamentais que nos ajudariam a conservar o nosso ambiente.

Dessa forma, falando nos valores fundamentais, podemos dialogar com as filosofias africanas, que sempre respeitaram esses valores — o conhecimento tradicional que lhes permite manter o equilíbrio ambiental. De acordo com Le Grange, ele relata a experiência dos povos nativos do Zimbábue, que aplicaram seus conhecimentos tradicionais à agricultura que resultou em grandes resultados, quando afirma que:

Os migrantes nativos não tinham acesso aos instrumentos necessários para a agricultura comercial e eram também desafiados pelos efeitos da mudança climática como os padrões de chuva variáveis, aumento de casos de secas e enchentes. Porém, através de sua ação e uso de conhecimento local, os migrantes nativos têm conseguido reagir aos desafios aumentando culturas resilientes às condições climáticas variáveis de modo bem-sucedido (Le Grange, p. 5).

É uma boa experiência que a humanidade, de forma geral, deveria aproveitar: integrar os conhecimentos tradicionais de diferentes povos, como o caso dos indígenas e outras nações, com o conhecimento moderno. Isso faria com que todos colaborassem na luta contra a crise climática. Os povos pepéis têm o costume de utilizar seus conhecimentos tradicionais e suas experiências nos momentos de cultivo de arroz em bolanhas (diques construídos em lagos de água doce) e também nas zonas terrestres, pedindo permissão aos seus ancestrais para evitar problemas que possam afetar seus cultivos, como a escassez ou o excesso de chuva, fatores que afetam diretamente a produtividade agrícola. De acordo com essa visão dos pepéis, a terra pertence aos ancestrais, e, portanto, para utilizá-la é necessário pedir permissão.

No entanto, nem todos os lugares seguem essa prática. Em alguns locais, as pessoas podem começar a cultivar sem a necessidade de realizar um ritual. Porém, há certos espaços considerados sagrados, e, nesses casos, se alguém usar a terra sem realizar os rituais, ou seja, sem pedir permissão, corre sérios riscos, incluindo a perda da própria vida. Portanto, essa conexão com a natureza, ou com o meio ambiente, traz benefícios para a questão ambiental. Embora essas práticas não sejam diretamente reconhecidas como formas de combate à crise climática, elas contribuem, de maneira indireta, para um ambiente saudável e sustentável.

Dito isso, as pessoas ligadas ou pertencentes à etnia Pepel costumam buscar conhecimento prévio para saber se uma mata ou bolanha é sagrada. Caso alguém pretenda realizar um desmatamento para extração de madeira, construção ou cultivo, deve primeiro verificar se o local é ou não sagrado. Os anciãos também aconselham os jovens a não realizar desmatamentos indiscriminadamente, pois podem destruir plantas medicinais, fundamentais para a prática de curas tradicionais, que muitas vezes não são possíveis de serem tratadas com medicamentos hospitalares ou cientificamente aprovados em laboratórios. É justamente isso que Guattari defende: para combater a crise climática, é preciso pensar de forma transversal, articulando diferentes áreas de conhecimento.

Nesse sentido, dialogando com Fleury, Miguel & Taddel, no texto intitulado "Mudanças climáticas, ciência e sociedade", no qual eles refletiram sobre as relações dos povos indígenas com a natureza, ou seja, o conhecimento tradicional indígena em conjunto com o conhecimento científico para abordar a questão das mudanças climáticas. Isso permite observar a importância

que o conhecimento tradicional pode trazer para a resolução de problemas ambientais, articulado com o conhecimento moderno.

Nessa perspectiva, ao se referirem a essa situação, Fleury, Miguel & Taddel afirmam que:

Os princípios das mudanças climáticas sob a percepção Puyanawa, Constant recupera a memória, a história e as narrativas dos anciãos indígenas da etnia Puyanawa como elementos “extremamente importantes para desenvolver explicações sobre os desafiantes e temidos impactos ambientais”, chamando atenção para a necessidade de se estabelecer um equilíbrio e uma junção dos conhecimentos tradicionais indígenas e científicos (Fleury; Miguel; Taddel *apud* Brandão, 2019, p. 52)

Baseando nessa articulação entre conhecimentos tradicionais e científicos modernos, Guattari (1990, p. 36) reforça sua posição nesse sentido, ao abordar que para ele pode trazer eficácia a ecologia ambiental quando afirma que “em minha opinião, a ecologia ambiental, tal como existe hoje, não fez senão iniciar e prefigurar a ecologia generalizada que aqui preconizo e que terá por finalidade descentrar radicalmente as lutas sociais e as maneiras de assumir a própria psique”, ou seja, como um fenômeno natural, as lutas não devem ser centralizadas. É preciso mobilizar outras frentes de luta com o objetivo de combater as crises climáticas. É necessário mergulhar em diferentes civilizações ao redor do mundo e articular esses conhecimentos com os saberes científicos. Isso nos aproximará do que, para Guattari, seria fundamental para evitarmos os perigos: a implementação das três ecologias. Sendo assim, segundo Guattari:

E se não houver tal retomada ecosófica (seja qual for o nome que se lhe dê), se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escalada de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres... (Guattari, 1990, p. 16).

Com a onda do capitalismo que o mundo enfrenta, as tecnologias de alta qualidade e outras ferramentas levam o homem tanto a trabalhar quanto a adquirir coisas com a ajuda dessas tecnologias de forma fácil. Onde muitas vezes não prevê as consequências futuras. Portanto, se houver tal retomada ecosófica, com a qual concordo, seria uma ferramenta capaz de trazer de volta o equilíbrio que a humanidade precisa e deve possuir.

Atualmente, podemos constatar que os seres humanos, cada vez mais individualistas, dão mais importância a essas ferramentas tecnológicas impostas pelo sistema capitalista. Se Guattari já havia alertado para esses perigos, hoje, sem dúvida, estamos vivenciando isso.

Quantas vezes já vimos práticas raciais, exploração do trabalho infantil e opressão das mulheres? Não queremos dizer que a modernidade não tem importância para a sobrevivência do homem, mas isso acaba desviando a atenção que Guattari nos fala de uma “retomada ecosófica”. Segundo sua visão, apenas com isso evitaríamos todos os contornos conflituosos que a humanidade enfrenta.

Além disso, Guattari também fala da dificuldade da humanidade em se relacionar com o socius, a psique e a natureza, afirmando que:

As relações da humanidade com o socius, com a psique e com a "natureza" tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto (*Ibid.*, p. 23).

Concordando com o autor em relação à passividade dos indivíduos, podemos acrescentar que há uma ignorância sobre essas questões tão importantes que a humanidade, de forma geral, precisa abandonar no sentido de recuperar essas relações da humanidade, para que não piore cada vez mais. Se assim não for, correremos sérios riscos de devastar a natureza em que vivemos. Sendo assim, Guattari revela que a ecologia mental, de certa forma, serve para reinventar a relação entre corpo e mente, vida e morte, etc.

Diante disso, ele afirma (*ibid.*, p. 16): “A ecosofia mental, por sua vez, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os 'mistérios' da vida e da morte.” Esta prática de relacionar-se com o mistério da vida e da morte é muito observada nas sociedades africanas, pois os princípios africanos acreditam que os mortos estão por perto. Por exemplo, na cultura do povo Pepel, essa prática é considerada real. Quando um indivíduo morre, são realizadas algumas cerimônias durante doze dias para a alma dessa pessoa, levando água, comida e bebida, colocando tudo em uma panela e, depois, deixando os alimentos reservados em um local específico. Na cosmovisão dos papeis, essas alimentações são servidas para a alma do malgrado, que para eles está ainda aos seus redor.

Tudo isso é muito importante e deve ser levado em conta na atualidade, porque estamos perdendo essas relações com os mortos. Por isso, Guattari nos alerta sobre isso. Podemos achar que essa questão não tem correlação com os problemas ambientais; porém, estaríamos totalmente enganados. As relações que Guattari menciona nos permitem olhar para a natureza de forma diferente e respeitosa. Além disso, isso permitirá uma discussão aberta em busca da resolução do problema ambiental. Os povos indígenas são exemplos disso; são comunidades que se mantêm fiéis aos seus ancestrais, seus valores, princípios e suas culturas. Para eles, a

natureza é como um ser humano, pois acreditam que uma planta, um rio ou uma montanha são seus familiares, ou seja, um pai, uma mãe, um avô, etc.

De acordo com Ailton Krenak, em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, ele aborda essa vinculação que os povos indígenas mantêm com as plantas, os rios e as montanhas, ou seja, com a natureza em si, onde afirma que:

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa) (Krenack, 2019, p. 21).

Baseando-se nessa afirmação, é possível enxergar a diferença entre a realidade moderna e tradicional no que diz respeito à maneira como olham o meio ambiente e para a natureza. Enquanto, para a modernidade, tudo é para apropriar e transformar em busca de lucros, para os povos tradicionais, neste caso os indígenas e africanos, isso já remete a uma perspectiva de vida espiritual. Portanto, a natureza é fundamental para eles; por isso, consideram-na como parte de si mesmos e não como muitos, ou como a modernidade pensa, que o homem é centro da natureza e deve usufruir-se de tudo o que nela existe.

Nesse sentido, quando falamos da questão ambiental, estamos nos referindo a uma causa a nível global, na qual é necessária a colaboração de todos. Por isso, Guattari nos demonstra que devemos pensar transversalmente, considerando as interações de todos os elementos que existem ou os sistemas que fazem parte da natureza, nossas ações na sociedade, a forma individual de cada um, os ecossistemas, etc.

Portanto, será impossível combater a crise climática se pensarmos unicamente a partir das ciências naturais, colocando de lado as outras áreas, como as ciências humanas e sociais, assim como os mecanismos modernos e os conhecimentos tradicionais dos povos originários, como os africanos, indígenas e quilombolas, que possuem saberes ancestrais que, muitas vezes, por não serem aprovados cientificamente, são questionados.

#### **4 JUSTIFICATIVA**

A crise ambiental é um fenômeno que traz graves problemas para a humanidade ao longo dos anos e tem levantado vários debates a nível global. Nesse sentido, eu, na qualidade de acadêmico comprometido com o bem-estar da humanidade e tendo me deparado ao longo

da minha formação acadêmica na universidade com diferentes abordagens acerca desta temática, descobrindo seus impactos negativos, suscitei o meu interesse em me debruçar sobre esse tema. Apesar de ser um assunto já muito discutido globalmente e que continua a ser debatido na arena internacional, nem tudo chega a alguns públicos alvos, que na minha opinião, deve chegar para que estes estejam a par da situação que é importante para todos.

Como aluno internacional que veio de um país onde há poucos trabalhos acadêmicos devido à situação econômica, política e social, meu interesse em escrever sobre a crise ambiental aumenta para colmatar essa lacuna e fazer com que essas informações cheguem a públicos diversos, desde acadêmicos até não acadêmicos, alertando sobre os perigos que este fenômeno ambiental é capaz de trazer e que podem comprometer a sobrevivência humana. Sendo um problema que tem causas locais, mas cujos efeitos são globais, merece ser levada essa informação até os públicos menos atentos a essa temática. Nesse aspecto, tenho responsabilidade como aluno que vai se graduar na área de humanidades ao abordar um assunto que, com certeza, terá impacto tanto na academia e ao níveis acadêmicos quanto a nível das pessoas comuns.

Com base nisso, decidi escolher as crises climáticas como tema a partir das filosofias dos povos papéis, não só por ser algo que suscitou meu interesse, mas também por ser uma preocupação de quase todos, devido ao que a humanidade já enfrentou em relação às consequências provocadas pela natureza. Portanto, numa tentativa de envolver os leitores e, sobretudo, alertá-los sobre os efeitos desse fenômeno natural, apesar de ser um tema muito presente na sociedade e veiculado em diferentes plataformas de comunicação. No que diz respeito ao meu país, e principalmente à região de Biombo, no qual vivo e onde parto para pensar esta temática, esse assunto não é tão discutido em termos de trabalhos acadêmicos escritos.

Em diálogo com a nossa referência para este projeto, destacamos o intelectual Félix Guattari, que em sua obra “As Três Ecologias” alertou que a humanidade deve aprender, de forma transversal, sobre as questões ambientais. Foi através da sua tese que me interessei e compreendi que essa crise climática ultrapassaram uma única área de conhecimento para serem abordadas. Nesse sentido, ele nos alerta em várias ocasiões sobre os perigos que corremos futuramente, caso não desenvolvamos estratégias adequadas. Para o Guattari “o princípio particular à ecologia ambiental é o de que tudo é possível tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis. Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas (Guattari, 1990, p. 52).

Atualmente, de acordo com o autor, ele observa as intervenções humanas como causadoras dos desequilíbrios naturais, o que indica que, para termos uma natureza saudável que não nos prejudique, dependemos de nossas ações, pois muitos dos desastres que o planeta enfrenta são provocados por ações humanas. Isso justifica ainda mais a minha posição em escolher este tema, como alguém que compreende que nós, seres humanos, compartilhamos este planeta com outros seres não humanos, os quais são fundamentais para a nossa sobrevivência.

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 GERAL**

Estabelecer conexões entre a noção de três ecologias de Félix Guattari com perspectivas filosóficas africanas para combater a crise climática.

### **5.2 ESPECÍFICOS**

- I. Compreender a importâncias que as outras áreas de conhecimentos (o pensar transversal) proposto por Guattari, têm para contribuir para uma natureza saudável;
- II. Trazer as influências das filosofias africanas no contexto ambiental para desafios ecológicos que a planeta enfrenta;
- III. Analisar o papel dos conhecimentos tradicionais dos povos pepéis sobre o benefício ao meio ambiente.

## **6 METODOLOGIA DE PESQUISA**

Trabalhos acadêmicos, de modo geral, requerem um método de pesquisa a fim de alcançar os resultados desejados; nesse sentido, nosso projeto de pesquisa não foge à regra. O nosso trabalho será baseado na pesquisa qualitativa, como método de coleta de informações, utilizaremos a revisão de literatura, com base nas revisões bibliográficas e nas análises de textos acadêmicos, artigos, livros e algumas entrevistas, de forma a obter informações aprofundadas

para nossa pesquisa. É necessário aplicar uma metodologia e um método de coleta de informações em qualquer trabalho acadêmico. Essa abordagem possibilita que o pesquisador atinja os objetivos propostos em suas respectivas pesquisas; portanto, é fundamental a escolha de que tipo de metodologia e método são apropriados para o trabalho.

De acordo com Rodrigues (1987), é preciso que os trabalhos das modalidades acadêmicas da universidade, faculdade que estão sendo produzidos pelos alunos, possam ser bem compostos, com a forma e aprofundamento lógicas sugeridas pela metodologia e as normas oficializadas pelas instituições responsáveis ou especializadas na área. Metodologia é um mecanismo de grande importância que ajuda na formação dos estudantes, cativando-os a criar a partir deles os conhecimentos científicos para a sociedade.

Portanto, a metodologia é um caminho, na qual o estudante necessita de maneira estratégica percorrer em direção dos objetivos fixados. É através dessa estratégia que o aluno possa alcançar o resultados pretendido, sendo assim, ela é fundamental para pesquisa e a investigação acadêmicas, por esse motivo, Rodrigues afirma que:

A metodologia científica é a disciplina que deve levar o aluno pelos caminhos necessários para a autoaprendizagem e para o estudo da ciência em seus métodos e a sua técnica. É ainda uma disciplina que não só deve transmitir conhecimentos, mas também possibilitar ao aluno compreender a relação teoria e prática e produzir conhecimento (Rodrigues, 1987, p. 21).

Dessa forma, isso será, exatamente, a nossa preocupação neste trabalho: seguir a lógica metodológica que nos permitirá produzir conhecimentos científicos para a sociedade, que é o nosso maior foco. Este projeto pretende apresentar à sociedade em geral um resultado que trará impacto positivo, sensibilizando as pessoas sobre os efeitos negativos causados ao meio ambiente.

## **7 CRONOGRAMA**

A pesquisa será concluída quando eu estiver na terminalidade de curso de Relações Internacionais (RI). A organização do cronograma está de acordo com as três disciplinas de TCC em Curso Relações Internacionais.

<b>Ano</b>	<b>Semestre</b>	<b>Atividades previstas para serem desenvolvidas</b>
2025	1º	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cursar disciplinas obrigatórias e optativas de RI</li> </ul>
	2º	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cursar disciplinas obrigatórias e optativas de RI</li> <li>• Leituras de materiais, coleta e análise dos dados, produção escrita e redação preliminar.</li> <li>• Constituição do corpus de pesquisa e metodologia</li> <li>• Reunião com o orientador.</li> </ul>
2026	1º	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cursar disciplinas obrigatórias e optativas de RI</li> <li>• Leituras de materiais, coleta e análise dos dados, produção escrita e redação preliminar.</li> <li>• Organização do corpus de pesquisa e metodologia</li> <li>• Análise preliminar de TCC</li> <li>• Reunião com o orientador</li> </ul>
	2º	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cursar disciplinas obrigatórias e optativas de RI</li> <li>• Análise final de TCC</li> <li>• Reunião com o orientador</li> <li>• Revisão geral das normas de ABNT</li> <li>• Entrega final e defesa de TCC</li> <li>• Depósito legal de TCC na Biblioteca de Malês</li> </ul>

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Kellison Lima. A ecosofia de Félix Guattari: **uma análise da filosofia para as questões ambientais**. *Cadernos cajuína*, v. 2, n. 2, p. 72-78, 2017.

DE SOUZA FILHO, CARLOS FREDERICO MARES; UYETAQUE, Nicolle Sayuri; CHICO, Hermelindo. **Ubuntu: uma filosofia alternativa à crise ambiental**. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, v. 45, n. 3, 2021.

DOMINGOS, Luis Tomas. **A visão africana em relação à natureza**. Anais do III encontro nacional do gt história das religiões e das religiosidades–anpuh-Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n. 9, 2011.

FLEURY, Lorena Cândido; MIGUEL, Jean Carlos Hochsprung; TADDEI, Renzo. **Mudanças climáticas, ciência e sociedade**. *Sociologias*, v. 21, p. 18-42, 2019.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus Editora, 1990.

INDI, Galileu Gomes. **Otchê-Geofilosofia: a criação de conceito em G. Deleuze e a cosmologia pepel** / Galileu Gomes Indi. - 2019. 94 f.: il. mapas.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. TAURUS, 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Editora Companhia das letras, 2019.

RODRIGUES, Auro de Jesus: **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.